

RELAÇÃO FAMILIAR E AFETIVIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

Liduína Lopes Alves

Especialista em Gestão Universitária
E-mail: lidulopes.ufe@gmail.com

Gabrielle Silva Marinho

Doutoranda/UFC, bolsista CAPES/DS
E-mail: gabrielle_marinho@hotmail.com

Introdução

Estudiosos como Piaget, Vygotsky, Wallon apontam a falta de afetividade, o calor e o aconchego de um lar, onde inexistente amor e carinho como responsáveis pela crise que avassala a instituição familiar (BEE, 2003).

Imaginava-se até então, que a desestruturação familiar tivesse como responsável à miséria, a marginalização a que estão sujeitas as pessoas que não possuíam recursos materiais, e a falta de cultura, percebe-se hoje que a mesma se faz presente em todas as classes sociais.

Segundo Bee (2003), os resultados mais negativos da desestruturação de uma criança são encontrados nas famílias negligentes, e que as famílias que proporcionam altos níveis de carinho e afeição tornam as crianças confiantes, competentes, independentes e afetivas, possuem um relacionamento mais positivo menos confuso com os pais e se relacionam melhor com seus pares.

A solução para deter esta avalanche de infelicidade não se encontra em nenhum manual, mas na própria família, pois é nesta, e no exemplo de vida dos pais, que os filhos aprenderão os valores e os comportamentos necessários para a vida em sociedade, como a confiança, a generosidade, a consciência de que os anseios são infinitos, mas os bens finitos, e a necessidade de prescindir das coisas em benefício dos outros.

As famílias que tem regras e padrões claros, fazendo cumprir consistentemente essas regras e essas expectativas, têm filhos que revelam maior auto-estima e competência nas mais variadas situações. (BEE, 2003, p.436).

É na família que se aprende, antes do que em outro lugar, a respeitar e valorizar as diferenças de temperamento, de gostos, de desejos, de necessidades.

A prática dos valores religiosos é de fundamental importância, pois os pais que têm estas atitudes projetam aos filhos uma boa imagem de Deus, este como um pai amante e carinhoso.

A criança ao nascer tem por necessidade o afeto, que nada mais é do que a satisfação de suas necessidades (corporais ou psíquicas), que farão parte no seu desenvolvimento físico e mental, e que a mãe será a responsável primeira por estas ações, que contribuirão para a construção de valores e de suas potencialidades.

De acordo com Wadsworth (2003, p. 86) o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. A personalidade será o resultando do tipo de afetividade recebida pela criança, e será essencial para a agregação social.

A família tem por princípio básico para com a criança ensinar e aprender e os modelos recebidos pelos pais em sua própria infância como: mecanismos de defesa, valores sociais e culturais, assim como conhecimentos que a família possui em geral sobre criação e educação, nortearão, em parte, a formação social do filho. Durante os primeiros anos de vida o ensino cabe totalmente aos pais, ao passo que corresponde às crianças a função de aprender.

A convivência em sala de aula e com os colegas, onde se tem a oportunidade de novas informações, as quais, inevitavelmente, serão confrontadas com as anteriormente recebidas, conduzirá a criança ao exercício de adequar seu raciocínio para posteriormente obter sua assimilação.

A criança carente de afetividade terá dificuldade em socializar-se, prejudicando seu desenvolvimento emocional, sua autoestima e autoconfiança, pois estará sempre indiferente com as demais pessoas. Caso a sua afetividade não seja prejudicada o desenvolvimento tende a ser completo, e sua autoconfiança tende a se valorizar, os princípios morais e éticos serão reforçados.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizado da criança, como também, o papel da família na sua socialização.

Referencial Teórico

Pensar e sentir são ações indissociáveis. Esta é a idéia que tentaremos imprimir e defender, tendo como preocupa-

ção central transpô-la para o campo educacional. E o faremos expondo algumas reflexões acerca do papel da afetividade no funcionamento psicológico e na construção de conhecimentos cognitivo-afetivos.

Nos dias atuais, vários estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano. A partir de abordagens que dão ênfase nas interações sociais, destacando-se o papel determinante do outro no desenvolvimento e na constituição do indivíduo, tem se configurado uma tendência na consolidação de teorias que se baseiam numa visão mais integrada do ser humano. A tradicional visão dualista do Homem enquanto corpo/mente, matéria/espírito, afeto/cognição, que tem permeado a trajetória do pensamento e do conhecimento humano há muitos séculos, tem se manifestado em estudos sobre o comportamento a partir de uma visão cindida entre racional e emocional, pressupondo-se, geralmente, que o primeiro deveria dominar o segundo, impedindo uma compreensão da totalidade do ser humano.

Não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos. Quando discute os papéis da assimilação e da acomodação cognitiva, afirma que esses processos da adaptação também possuem um lado afetivo: na assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar o objeto ao self (o aspecto cognitivo é a compreensão); enquanto na acomodação a afetividade está presente no interesse pelo objeto novo (o aspecto cognitivo está no ajuste dos esquemas de pensamento ao fe-

nômeno). Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma metáfora, afirmando que a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro, mas não modifica sua estrutura. Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade (ARANTES, 2004, p.4).

Tematizou as relações entre afeto e cognição postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração. Reconhecendo as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem, buscou no desenvolvimento da linguagem sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo. Produto e expressão da cultura, a linguagem configurou-se, na teoria de Vygotsky, como um lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados. A linguagem forneceria, pois, os conceitos e as formas de organização do real. Em suma, “um modo de compreender o mundo, se compreender diante e a partir dele e de se relacionar com ele”. Explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Afirma ele que a forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui

também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. (SOUZA & COSTA, 2005, p. 68).

Estabelece uma estreita ligação entre as emoções e a atividade motora. Para ele, a emoção corresponde a um estágio da evolução psíquica situado entre o automatismo e a ação objetiva, entre a atividade motriz, reflexa, de natureza fisiológica e o conhecimento. Logo ao nascer, a criança manifesta um tipo de movimento totalmente ineficaz do ponto de vista da transformação do ambiente físico, que Wallon chamou de “impulsivo”. Esses movimentos tornam-se expressivos, organizados e intencionais através da comunicação que se estabelece entre o bebê e o ambiente humano, por meio de respostas marcadas pela emoção. É, portanto, a partir das interpretações dos adultos que os gestos da criança ganham significado. Estabelece uma distinção entre emoção e afetividade. As emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. Contrações musculares ou viscerais, por exemplo, são sentidas e comunicadas através do choro, significando fome ou algum desconforto na posição em que se encontra o bebê. Ao defender o caráter biológico das emoções, destaca que estas se originam na função tônica. (LEITE & TASSONI, 2005).

Para o estudioso francês, a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional.

A Importância da Afetividade nas Relações

Afetividade, em nosso estudo, pode ser compreendida sob dois aspectos: proximidade física: um abraço, um aperto de mão, um sorriso, um carinho; proximidade psicológica: se traduz em compreensão, gentileza, respeito, doação, renúncia, estímulos positivos e realizadores (ALMEIDA, 2005)

A afetividade é um dos componentes do desenvolvimento intelectual, e tem sua origem no cérebro, o qual é responsável por todas as nossas ações, sejam conscientes ou inconscientes e que são inerentes aos seres racionais e irracionais, cujo afeto primário é o da mãe, desde a fase uterina, que desde já será o norteador para a sua vida.

Com o passar do tempo o que era puramente afetividade, que compunha o ser vivo, passa a dar origem a outro componente, que junto com aquela será responsável pela formação intelectual, trata-se da cognição, responsável pela percepção memória, raciocínio lógico, inteligência e resolução de problemas.

Portanto, afetividade e inteligência, não aparecem prontas nem imutáveis, mas evoluem ao longo do desenvolvimento do ser humano, são construídas e se modificam de um período a outro, a medida das necessidades afetivas e sociais.

Vygotsky não separa o intelecto do afeto porque busca uma abordagem abrangente, que seja capaz de entender o sujeito como uma totalidade [...] são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao

pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. [...] cognição e afeto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário, se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo. (REGO, 2003, p.122).

O afeto ou afetividade é um aspecto psíquico subjetivo, pois sua percepção ou demonstração varia de indivíduo para indivíduo, porém sua ação deve sempre ser agradável aos agentes envolvidos.

Não se pretende tentar estabelecer ou delimitar o conceito de afetividade e todos os demais que o norteiam como, carinho, amor, paixão entre outros, quer-se sim ressaltar sua importância e/ou relevância na formação psíquica, aí inserida a inteligência, da criança e seu contínuo como adulto.

Para os estudiosos Aranha e Martins (1998), as ações humanas são motivadas, o ser humano precisa, sente falta, necessita de algo, portanto deseja, essa relação simples ocasiona a vivência de emoções e sentimentos ou a reação afetiva aos acontecimentos ou ao ambiente que o rodeia. Tal afirmação ratifica a propositura que a afetividade se constitui em importante componente construtor do pensamento, da psique do indivíduo, os sentimentos e as emoções afetam o indivíduo independente de seu consentimento, formatando suas ações e reações.

A afetividade (desenvolvimento conativo) estabelece as condições adequadas para o desenvolvimento da inteligência (desenvolvimento cognitivo) por permitir maior interação do

indivíduo para com outro e com o ambiente que o cerca de uma forma mais segura. Golse (2006, p.199) destaca que Piaget considerava a inteligência e a afetividade inseparáveis e que a segunda possui o papel de uma fonte energética da qual a inteligência ou o seu funcionamento depende.

Como tal pode-se desprender que o aspecto afetivo quando deficitário como, situações de abandono, separação dos pais, ambiente agressivo, entre outros exemplos, se constitui em um elemento que bloqueia ou cerceia o processo de aprendizagem ou o desenvolvimento do indivíduo.

Ausência de Afetividade e Seus Danos

Destacou, neste trabalho, a importância do afeto desde o princípio da vida da criança, por se constituir num elo afetivo que produzirá interações e reflexos na mesma por toda uma vida. A formação de sua personalidade, segundo a literatura utilizada, começa a se constituir a partir daí.

As implicações decorrentes da ausência do afeto podem parecer, para alguns, subjetivas, estes argumentariam que crianças criadas com afeto também se tornam marginais ou problemáticas. Todavia, mesmo que tal afirmativa se constitua realidade algumas vezes a existência de um conjunto de outros fatores, que não cabe aqui discutir, puderam e certamente se fizeram presentes e determinantes para que tal ocorresse.

Vários estudos demonstram que a questão da ausência da afetividade reflete sobre diversos aspectos do desenvolvi-

mento do indivíduo, como: áreas do conhecimento, da razão, da emoção e do agir.

A carência prolongada e contínua, qualquer que seja o quadro vital em que ela intervém, tem por efeito retardar progressivamente o desenvolvimento intelectual do sujeito carente (LEBOVICI; SOULÉ, 1980, p.426).

A inadaptabilidade social advinda de relações afetivas deterioradas dificulta não só o aprendizado da criança como posteriormente, quando adulta, sua inserção social e familiar, sendo, segundo os autores ora citados indivíduos com tendências de inibição, impulsividade e fechados a aproximação.

De acordo com Winnicott (1990), a humanização da criança decorre da assimilação dos preceitos morais e sociais dos adultos, cabendo aos pais fornecerem a esta às condições e os valores a serem assimilados. Torna-se essencial, para que o indivíduo não se desagregue da sociedade, a intervenção ou a exposição afetiva da família.

Dificuldade de Aprendizagem

De acordo com Martinelli (2009), o fracasso escolar, o baixo nível de rendimento e as dificuldades de aprendizado, podem estar relacionados à deficiência do aspecto afetivo, que se constitui numa variável significativa e interveniente no processo de aprendizagem humana ou no seu processo cognitivo.

A psicopedagogia é identificada como a área de estudos responsável por estudar e buscar compreender as dificuldades encontradas no campo das aprendizagens humanas, por

mais ampla que estas sejam. Como tal, o desenvolvimento social e intelectual considerado inferior ao esperado está aí inserido. Todavia se aceite que as dificuldades de aprendizagem ocorram concomitantemente a outras deficiências como, sensoriais, mentais, emocionais ou fatores extrínsecos como, condições ambientais desfavoráveis ou instrução insuficiente, o que quer se enfatiza neste trabalho são as deficiências decorrentes do aspecto afetivo ou emocional.

Assim, Sesto (2000, p.110), apresenta várias pesquisas que buscaram relacionar a falta de afetividade com os aspectos diversos da dificuldade de aprendizagem. Tais estudos sugerem que os sentimentos que um indivíduo nutre por si possuem papel decisivo no funcionamento cognitivo e no seu desempenho escolar, sendo que quanto mais baixo for seu autoconceito, maior será sua dificuldade e mais baixo seu desempenho.

Desta forma, Polity (1998, p. 89), afirma que uma dificuldade de aprendizagem não significa necessariamente uma deficiência mental ou orgânica, indica uma condição específica ou uma situação. A família como fonte ou suporte ao desenvolvimento da criança, pode assim, com um comportamento inadequado, se tornar à condição ou a situação provocadora dessa dificuldade de aprendizagem, esta ao introduzir expectativas e valores sobre os filhos, insere sobre esses uma carga que pode conduzi-los a frustração e a decepção.

O objetivo de destacar o papel familiar foi oportunizar o paralelo do bom ambiente com os laços emocionais e afetivos adequados a construção do indivíduo, de seu desenvolvimento, destacando-se aqui que, por maiores que sejam as demais

dificuldades enfrentadas por um indivíduo, seja adulto ou criança, o laço afetivo e a estabilidade emocional se constituem em um reforço ou porto seguro para superação das dificuldades e uma motivação ao seu desenvolvimento.

Conclusões

O universo afetivo de uma criança se compõe de diferentes quadros e estes são os que proporcionam, através da sua interação, a socialização da mesma ao seu ambiente e com quem a rodeia. Se a ausência afetiva for preponderante, a construção de seu universo ou interação social e construção do seu ser serão falhas, apresentarão rupturas difíceis de serem transpostas ou superadas.

As crianças diferem em suas respostas ao vínculo afetivo, porém a ausência deste parece acarretar um efeito negativo facilmente identificável, o atraso no desenvolvimento e a dificuldade de aceitação própria.

A família não se constitui somente como fonte afetiva, mas também como construtora ou facilitadora do ambiente no qual a criança está inserida. O desenvolvimento desta é dependente desse ambiente, física e psicologicamente. Famílias pautadas por aspectos afetivos positivos contribuem para adequação da criança ao meio de forma menos traumática, conduzem as transições de forma mais suave, sendo o inverso extremamente prejudicial.

De certa forma os aspectos socioeconômicos não podem ser relegados, por comporem ou interferirem até certo ponto

na condução ou nas relações familiares, estes são fatores de influência no desenvolvimento da criança. Não se configura, porém um atestado definitivo, de que crianças com condições econômicas precárias não se desenvolvem ou se tornem crianças agressivas por terem sido criadas sem afeto. Trata-se de um conceito pré-concebido e preconceituoso, porém chama-se atenção que a situação econômica precária, é aliada, como fator de influência, ao não pleno desenvolvimento de um indivíduo. Seu potencial pode passar a ser restringido por essa condição e seus desdobramentos como condições de moradia e saneamento precários, difícil acesso à educação de qualidade, provável baixa escolaridade dos pais, ausência desses e outros tantos que somados compõem um quadro restritivo e preocupante.

Por último ressalta-se que a interação com a família, companheiros e educadores é o contexto social da aprendizagem da criança, é através deste que boa parte de suas concepções e estruturas mentais serão deduzidas ou formatadas, considerando-se o aspecto afetivo como fundamental na contextualização social, verifica-se que sua ausência ou redução produz indivíduos propensos a limitações de desenvolvimento.

Referências

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação*. Disponível em <http://www.com/videtur23/valeria.htm>. Acessado em 10/03/2012.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. 9ª edição. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2003.

LEBOVICI, Serge; SOULÉ, Michel. *O conhecimento da criança pela psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Zauar, 1980.

POLITY, Elizabeth (org). *Psicopedagogia: um enfoque sistêmico*. São Paulo: Ed. Empório do Livro, 1988.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 15ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

SESTO, Fernandes et al (org). *Dificuldade de aprendizagem no contexto psicopedagógico*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

_____. *Psiquiatria infantil operativa*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação — Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional*. Tradução Irineu Constantino Schuch Ortiz. 3ª edição. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1990.

VYGOTSKY, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.